JOELHO

#03

VIAGEM-MEMÓRIAS:
APRENDIZAGENS DE
ARQUITECTURA

Coordenação:
Alexandre Alves Costa
Domingos Tavares

Exposição Viagem
Exposição Memórias

Luis Mansilla
Alexandre Alves Costa
Domingos Tavares
Jorge Figueira
José Miguel Rodrigues
José António Bandeirinha
José Fernando Gonçalves
Paulo Providência
Gonçalo Canto Moniz
Armando Rabaça
Patrícia Miguel
Bruno Gil
ÍNDICE

5 NOTA PRÉVIA
Jorge Figueira e Gonçalo Canto Moniz

EDITORIAL
6 ALEXANDRE ALVES COSTA E DOMINGOS TAVARES

ARTIGOS
10 (1999/2012) Memória de Luís Mansilla
Alexandre Alves Costa
12 Un doble del mundo
Luís Mansilla
21 Primeira anotação do Curso de Arquitectura de Coimbra
Alexandre Alves Costa
32 Memórias: razões e sentido de uma aprendizagem em arquitectura
Domingos Tavares
Exposição
52 Alexandre Alves Costa, “Viagem”
68 Domingos Tavares, “Memórias”

ARTIGOS
84 No Tempo Presente
Jorge Figueira
90 Sementas de História da Arquitectura Moderna: um projeto de ensino de História da Arquitectura
José Miguel Rodrigues
102 Pedagogia do Projecto
José António Bandeirinha

DEBATE
114 A Arquitectura ensina-se?
Jorge Spencer, Luís Joa Soares Carneiro, Maria Manuel Oliveira, Pedro Maurício

ARTIGOS
126 Em viagem – experiência, conhecimento na arquitectura portuguesa do século XX
José Fernando Gonçalves
137 Sala dos Capelos
Paulo Providência
146 O legado do ensino moderno na Escola de Coimbra: experiências pedagógicas nas Escolas do Porto e de Lisboa
Gonçalo Canto Moniz
167 “Le Corbusier, Atget, and Versailles”
Armando Rabaça
181 Investigações da invenção e reinvenção da memória
Bruno Gil

EM LINHA
190 Arquitecturas da Aprendizagem
Carolina Coelho
190 Ideias da Arquitectura Portuguesa em viagem
Christina Silva e Gonçalo Furtado
191 Cinema. O conforto de viajar sem sair do sofá, através do presente, do desejo e da memória
Diogo Morato
191 Inception
Joana Barbeda
ÍNDICE

5 NOTA PRÉVIA
JORGE FIGUEIRE E
GONÇALO CANTO MONIZ

EDITORIAL

6 ALEXANDRE ALVES COSTA E DOMINGOS TAVARES

ARTIGOS

10 (1959/2012) Memória de Luís Mansilla
ALEXANDRE ALVES COSTA

12 Un doble del mundo
LUIZ MANSILLA

21 Primeira anotação do Curso de Arquitetura de Coimbra
ALEXANDRE ALVES COSTA

32 Memórias: razões e sentido de uma aprendizagem em arquitetura
DOMINGOS TAVARES

EXPOSIÇÃO

52 Alexandre Alves Costa, "Viagem"

68 Domingos Tavare, "Memórias"

ARTIGOS

84 No Tempo Presente
JORGE FIGUEIRE

90 Sebentas de História da Arquitectura Moderna: um projeto de ensino de História da Arquitectura
JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

102 Pedagogia do Projecto
JOSÉ ANTONIO BANDEIRINHA

DEBATE

114 A Arquitectura ensina-se?
JORGE SPENCER, LUIZ SOARES CARNEIRO, MARIA MANUEL OLIVEIRA, PEDRO MAURICIO

ARTIGOS

126 Em viagem — experiência, conhecimento na arquitetura portuguesa do século XX
JOSÉ FERNANDO GONÇALVES

137 Sala dos Capelos
PAULO PROVIDÊNCIA

145 O legado do ensino moderno na Escola de Coimbra: experiências pedagógicas nas Escolas do Porto e de Lisboa
GONÇALO CANTO MONIZ

167 « Le Corbusier, Atget, and Versailles »
ARMANDO RABACA

181 Investigações da invenção e reinvenção da memória
BRUNO GIL

EM LINHA

190 Arquiteturas da Aprendizagem
CAROLINA COELHO

190 Ideias da Arquitectura Portuguesa em viagem
CRISTINA SILVA E GONÇALO FURTADO

191 Cinema. O conforto de viajar sem sair do sótão, através do presente, do desejado e da memória
DIOGO MORATO

191 Inception
JOANA BARBEDO
Em 2003, Domingos Tavares deu início a um novo projecto editorial intitulado Sebentes de História da Arquitectura Moderna. Com a sua concretização nascia uma nova chancela - a Dafne - hoje com ampla e reconhecida obra publicada na área da arquitectura. Que as Sebentes de História da Arquitectura Moderna pressupõem um projecto de ensino para a História parece inquestionável. Como se caracteriza porém esse projecto? Qual o seu ponto de partida e os seus objectivos? Não foi a sebenta quase sempre usada como um processo de cristalização do saber adquirido, ao serviço de quem ensina, mais que de quem aprende? Não serão, contudo, estas Sebentes - e não outras - precisamente um desafio e essa cristalização, aparentemente anunciada, no título da colecção? A segunda, mais do que a primeira hipótese, permitir-nos-á esclarecer o projecto de Domingos Tavares para o ensino da História. Se existe ou existirá uma História por e para Arquitectos parece ser uma dúvida que importa aos próprios Historiadores.

"Ao arquitecto, hoje como no passado, interessarão mais os precedentes e a solução, a evolução dos tipos e as suas variações. Ao historiador de arquitectura, por seu lado, importa primordialmente o que a obra esclarece da história das formas em articulação com a cultura e a história da humanidade. Uma coisa é uma obra vista fora do contexto em que foi produzida por olhos de arquiteto que reconhece em qualquer época e em qualquer edifício o trabalho e as preocupações de um colega antigo. Outra coisa é a discussão concreta do modo como uma determinada obra foi percebida e projectada por homens de uma cultura que não era exactamente a nossa. Se um círculo, por exemplo, é sempre um círculo, a planta circular de uma igreja dedicada à Virgem tem uma história e um significado projectual concretos diferentes da planta também circular de um pavilhão palacial feito por 'capricho' do aristocrata."

(Gomes, 2001, p. 21)

Significativamente, porém, e apesar de Domingos Tavares por mais de uma vez afirmar não se querer colocar no campo da História (cf. Tavares, 2002, p. 26), a via metodológica que procurou e encontrou, não se traduz nesse projecto para a História de e para Arquitectos desvelada por Paulo Varela Gomes, que a seguinte afirmação suscita poderia levar a pensar:

"Affirmo, assim, que a História da Arquitectura pode ser entendida num curso para ensinar arquitectos como um instrumento de base metodológica para o projecto. Será então uma disciplina de arquitectura que usa a sua própria história e não uma disciplina de história que selecciona os casos da arquitectura. Isto é importante na caracterização do trabalho que procura desenvolver porque o método da história não é, evidentemente, o método da arquitectura e não pretende de modo nenhum colocar-me no campo da História."

(Tavares, 2002, p. 26)
José Miguel Rodrigues
Sebentas de História
da Arquitectura Moderna:
un projecto de ensino de
História de Arquitectura

Em 2003, Domingos Tavares deu início a um novo projecto editorial intitulado Sebentas de História da Arquitectura Moderna. Com a sua concretização nascia uma nova chancela - a Dafne - hoje com ampla e reconhecida obra publicada na área da arquitectura. Que as Sebentas de História da Arquitectura Moderna pressupõem um projecto de ensino para a História parece inquestionável. Como se caracteriza porém esse projecto? Qual o seu ponto de partida e os seus objectivos? Não foi a sebenta quase sempre usada como um processo de cristalização do saber adquirido, ao serviço de quem ensina, mais que de quem aprende? Não serão, contudo, estas Sebentas – e não outras - precisamente um desafio e essa cristalização, aparentemente anunciada, no título da coleção? A segunda, mais do que a primeira hipótese, permitir-nos-á esclarecer o projecto de Domingos Tavares para o ensino da História.

Se existe ou existiria uma História por e para Arquitectos parece ser uma dúvida que importa aos próprios Historiadores.

"Ao arquitecto, hoje como no passado, interessarão mais os precedentes e a solução, a evolução dos tipos e as suas variações. Ao historiador de arquitectura, por seu lado, importa primordialmente a que a obra esclarece da história das formas em articulação com a cultura e a história da humanidade. Uma coisa é uma obra vista fora do contexto em que foi produzida por olhos de arquitecto que reconhece em qualquer época e em qualquer edifício o trabalho e as preocupações de um colega antigo. Outra coisa é a discussão concreta do modo como uma determinada obra foi percebida e projectada por homens de uma cultura que não era exactamente a nossa. Se um círculo, por exemplo, é sempre um círculo, a planta circular de uma igreja dedicada à Virgem tem uma história e um significado projectual concretos diferentes da planta também circular de um pavilhão palacial feito por 'capricho' do aristocrata."

(Gomes, 2001, p. 21)

Significativamente, porém, e apesar de Domingos Tavares por mais de uma vez afirmar não se querer colocar no campo da História (cf. Tavares, 2002, p. 26), a via metodológica que procurou e encontrou, não se traduz neste projecto para a História de e para Arquitectos desvelada por Paulo Varela Gomes, que a seguinte afirmação nos poderia levar a pensar:

"Afirmo, assim, que a História da Arquitectura pode ser entendida num curso para ensinar arquitectos como um instrumento de base metodológica para o projecto. Será então uma disciplina de arquitectura que usa a sua própria história e não uma disciplina de história que selecione as coisas da arquitectura. Isto é importante na caracterização do trabalho que procuro desenvolver porque o método da história não é, evidentemente, o método da arquitectura e eu não pretendo de modo nenhum colocar-me no campo da História."

(Tavares, 2002, p. 26)